

*R. Zal*

---

PUBLICACIONES DE LA SECRETARIA GENERAL DE LA DECIMA CONFERENCIA INTERAMERICANA

Colección HISTORIA

No. 3

# America e o Libertador



---

**CARACAS-1953**

**AMERICA E O LIBERTADOR**

PUBLICACIONES DE LA SECRETARIA GENERAL DE LA DECIMA CONFERENCIA INTERAMERICANA  
**Colección HISTORIA**

**Publicadas:**

**El Colombiano** de Francisco de Miranda. Reproducción del periódico de Miranda, publicado en Londres en 1810 (abril a junio). Prólogo del Dr. C. Parra Pérez.

**Dr. Narciso Esparragosa y Gallardo, Varón Ilustre de Venezuela**, estudio inédito del Profesor John Tate Lanning. Analiza la personalidad del Dr. Esparragosa, quien tuvo notable actuación en Centro América.

**América y El Libertador**. (Textos de Bolívar). Selección de escritos de El Libertador relativos a la idea americana. Prólogo del Dr. Cristóbal L. Mendoza.

**Una misión diplomática venezolana ante Napoleón en 1813**. Estudio del Dr. C. Parra Pérez.

**Bosquejo de la Revolución en la América española**, por Manuel Palacio Fajardo. Prólogo de Enrique Bernardo Núñez.

**En Prensa:**

**Bolívar y su Epoca**. Cartas y documentos dirigidos al Libertador. Prólogo del Dr. Vicente Lecuna.

**Manuel García de Sena y la Independencia de Hispanoamérica**, por Pedro Grases y Alberto Harkness.

**Los Escritos de Roscio**. Prólogo de Augusto Mijares.

**En preparación:**

**Venezuela**, por Edward Eastwick. (Primera traducción al español).

**"Cosmópolis" Aventura y cifra de una generación venezolana**. (Ensayo Crítico - Bibliográfico).

**Repertorio histórico de las ideas interamericanas**. Colección de los textos y estudios que permitan conocer en todo su desarrollo las ideas de relación interamericana.



*Simón Bolívar, por Tenerani*

AG 9920

320.54

B6892

G 2

PUBLICACIONES DE LA SECRETARIA GENERAL DE LA DECIMA CONFERENCIA INTERAMERICANA

---

Colección HISTORIA

No. 3

# America e o Libertador

PROLOGO DO Dr.

CRISTOBAL L. MENDOZA

---

**CARACAS-1953**

*Demonstrou a Secretaria Geral da Décima Conferência Interamericana excelente critério ao incluir no seu programa de publicações êste volume onde se recolhem os textos do Libertador sobre a sua apaixonada devoção pela América e acerca dos seus conceitos e planos relativos á questão transcendente das relações interamericanas.*

*Apesar de já quasi duas vezes secular, êste tema da América como unidade no pensamento e no coração de todos os seus povos e como base dum sistema de política internacional, está muito longe de esgotar-se. Pelo contrário, o progresso crescente do Novo Mundo en geral, o desenvolvimento cada vez maior dos laços que unem entre si e com as demais nações os povos dêste lado do Atlântico e as suas tendências mudaveis; o aparecimento constante de novos problemas económicos, sociais e políticos en escala universal, dão hoje ao estabelecimento dum entendimento permanente em todos os campos entre os Estados americanos, um carácter agudo que se aprofunda e aviva em proporção com a importância crescente de tais fenómenos.*

*Como acontece com todos os demais aspectos das actividades internacionais, ao abordar êste tema é indispensável, primeiro que tudo, tomar em consideração os antecedentes históricos. Legaram-nos acaso os Fundadores das nossas nacionalidades algum preceito sobre união continental que seja para as novas gerações americanas um precedente essencial das nossas relações recíprocas? E recuando ao período anterior ao da Revolução emancipadora, conceberam os Precursores a ideia duma América ligada por nexos peculiares que devesse adoptar algum régimen comum destinado a proteger a soberania de todas as suas partes componentes e a regular os interesses opostos?*

Não há dúvida que a ideia de solidariedade surgiu na Hispanoamérica juntamente com a aspiração de independência. Na sua interessante obra sobre as origens do panamericanismo, Lockey recorda o caso de Maia, um revolucionário do Brasil, que em 1787 escreveu a Jefferson, então Ministro dos Estados Unidos em França, sobre a necessidade de ajuda externa para conseguir a emancipação da colónia portuguesa, acrescentando que esse país era o chamado a dá-la “porque ao tornar-nos habitantes do mesmo Continente, a Natureza uniu-nos de certo modo pelos laços dum patriotismo comum”. Ao aludir a esse patriotismo continental, o autor dessa expressão referia-se a uma noção muito acima dos simples laços geográficos. Maia, e aqueles que pensavam como ele, concebiam deste lado do Atlântico uma homogeneidade histórica, uma similitude de antecedentes, uma analogia de vida e de aspirações, que os conduzia a considerar indistintamente a todos os povos nascidos dos Descobrimentos, apesar da diversidade de raças, como um todo único, cujo porvenir havia de tomar, nas suas linhas gerais, as mesmas características dos acontecimentos passados. A Conquista deveria corresponder a Emancipação; á vida colonial, com as suas peias económicas e políticas, haveria de suceder a existência independente e o desenvolvimento livre de todas as actividades; a subordinação aos conflitos europeus, que se reflectiam inevitavelmente nas terras virgens americanas, se substituiria por uma completa separação, para assegurar ao Novo Mundo o desenvolvimento pacífico dos seus enormes recursos e os progressos da sua civilização, longe do ambiente de odios de raças, de desencontrados interesses dinásticos e de preconceitos tradicionais, característico da vida dos velhos Estados europeus. Tal estado de ânimo deveria traduzir-se na prática, segundo tão elevado pensamento, por um auxílio desinteressado e franco, para que os povos americanos ainda submetidos ao regimen peninsular obtivessem a sua liberdade de acção e entrassem a cooperar por completo no cumprimento dos destinos assinalados ao Continente por um conjunto de complexos factores.

Miranda, o mais alto representante desse período inicial do movimento revolucionário, baseava os seus projectos no apoio dos países interessados na desaparição do monopólio

*comercial e político da Peninsula na América ibérica e levou a cabo com esse fim uma campanha única no seu género na História; pela sua duração, que pode dizer-se de quasi toda a vida do grande homem; pelo seu raio de acção, que abrange grande parte da Europa e os Estados Unidos; e pela constância e extraordinarias aptidões demonstradas. Ao mesmo tempo, concebe uma vasta harmonia continental: o seu plano consistia na transformação do império colonial espanhol num imenso Estado indo-americano, de carácter federal, subdividido em Províncias autónomas dotados dos seus respectivos Poderes Legislativo, Executivo e Judicial. Partindo da unidade daquele império, cujo território havia sido conquistado com procedimentos idénticos, repovoado de modo análogo, submetido a uma legislação uniforme, colonizado enfim com os mesmos métodos, o ilustre Precursor propôz a sua emancipação global e a consequente reorganização da dilatada estrutura como um só organismo político, com o amparo dalguma Potência. A execução deste projecto, á primeira vista despropositado por sua desmesurada extensão territorial, parecia, não obstante, singularmente viável, graças ás instituições implantadas pela Metrópole nas Colônias, de modo tão geral e sistemático, que imprimiram a todas elas uma fisionomia particular, inspirando nas suas classes superiores um sentimento igual e arraigando o sentimento da Lei e da Justiça, sobre o qual deveriam assentar confiadamente as iniciativas emancipadoras. Conceitos iguais ou semelhantes expressaram todos os Precursors. Era uma filosofia política e social que brotava espontaneamente de todos os pontos da América Hispana e cujos postulados procediam do mais fundo das tradições da Colonia, unidas agora á aspiração colectiva pela independência.*

*Aquela noção da solidariedade entre as Colônias hispano-americanas, fundamento dos planos de Miranda, revela-se logo esplêndidamente quando os exércitos de Napoleão ocupam a Peninsula e desaparece a autoridade secular dos Monarcas de Espanha: como que obedecendo a uma mesma contrasenha secreta, as colônias rompem, quasi simultâneamente e com idénticos argumentos, revestidos de análogos formalismos e expostos pelas mesmas entidades, o poderoso cordão de Viceréis, Presidentes, Capitães Generais, Inten-*

dentes, Fiscais e Juizes, dirigentes nos tempos da Conquista e da Colonização da implantação da cultura espanhola na América, mas que no momento, semiconstituídas ao menos as novas sociedades e criada uma consciência criola em antagonismo inevitável com o elemento peninsular, eram apenas instrumentos de opressão e agentes dum despotismo longínquo e intolerável, incompatível com a expansão das novas aspirações autóctonas. Esse sentimento geral mostra-se, vigoroso e sincero, nas relações que se apressam a entabular entre si os patriotas dos diversos países. A Junta de Caracas toma a iniciativa e dirige-se aos Cabildos das outras capitais hispanoamericanas, apenas oito dias depois do movimento de 19 de abril, exortando-os "em nome da Pátria comum" a despertar as energias dos povos e a contribuir "para a grande obra da confederação americana-espanhola". Em termos mais ou menos análogos, com expressões mais ou menos enérgicas, falam todas as Juntas criadas á sombra dos Ayuntamientos. Um dos mais activos dirigentes do movimento no Chile, Martínez de Rosas, propõe a formação "duma só nação e dum só Estado" com as províncias espanholas da América, mediante uma grande representação de todas elas, que se reuniria nalgum lugar escolhido para tal efeito. Egaña apresenta formalmente ao Governo do mesmo país uma Memória descriptiva dum plano para a organização de todas as antigas colónias. "Seria desejável, diz Egaña, que o Governo se dirigisse por escrito aos demais Governos da América (ou só aos do Sul) para insinuar-lhes que tenham prontos os seus deputados ás Cortes, afim de que se Espanha sucumbir, possam constituir, no dia e no lugar combinados, um Congresso provisório em que se possam determinar a fórmula de união e as relações das Províncias para com o Congresso geral. A não ser assim, a América dilacerada por mil discórdias civis, haverá de desintegrar-se e converter-se em presa de estrangeiros"; e Moreno, alma da Junta de Buenos Aires, ainda que encontrava gravíssimos obstáculos de natureza física para realizá-la, reconhecia como aspiração lógica e natural das Colónias hispánicas a de formarem um conjunto que consumasse de comum acôrdo a obra iniciada por cada uma delas em separado.

*A noção colectiva de identidade da causa, não se limitava á ideia duma aliança efémera contra o inimigo, senão que assentava no conceito das semelhanças históricas e raciais, as quais geravam as necessárias analogias de destino e parecidos desenvolvimentos da única fonte cultural positiva de que todas as Colónias dimanavam. A voragem da guerra interrompeu violentamente o desenvolvimento pacífico desta ideologia secunda. Os patrícios dispersaram-se ou foram sacrificados e as togas tiveram de ceder o lugar ás armas. Porém o processo bélico, por sua própria condição expansiva e dominadora, determinou a criação e desenvolvimento das forças e elementos que haveriam de permitir a tentativa formal de confederação. Do seio das batalhas surgiu a hegemonia grancolombiana cuja influência se estendeu, graças á iniciativa e á energia do seu chefe indiscutido, até aos conmins da América Meridional. A libertação do Perú e a criação da Bolívia marcaram, junto com o termo da guerra, o ponto máximo dessa actuação avassaladora que á sua volta concentravam essas forças e elementos, em proporções gigantescas, e creava um ambiente singularmente favorável para a Assembleia convocada “sob os auspícios da victória obtida pelas nossas armas contra o poder espanhol”, invocando, “quinze anos de sacrifícios consagrados á liberdade da América para obter o sistema de garantias que, na paz como na guerra, seja o escudo dos nossos destinos”.*

*Foi então que se consagrou a figura de Bolívar como centro das aspirações continentais. Por sua situação, por seus interesses, pelas suas diferenças raciais com o resto da América, por certos aspectos da ideologia revolucionária hispano-americana, os Estados Unidos não estavam dispostos a iniciar nenhuma espécie de alianças com os seus vizinhos do Sul, ainda que simpatizavam com a sua emancipação. E dentro do antigo império espanhol, a consumação da independência tendia mais a dispersar as ambições revolucionárias que a congregá-las em redor dum ideal colectivo. Só uma visão superior e uma vontade de aço, servidas por uma excepcional acumulação de poderes e de influências, podiam intentar, dentro do âmbito hispânico, a efectivação desse ideal de união e lograr, depois de terminada a guerra de emancipação e iniciado o processo anárquico interno e externo, o*

estabelecimento dum sistema continental baseado, conforme a frase expresiva de Maia, na noção dum patriotismo comum. O único homem em que se reuniam aquelas condições era o Libertador, considerado por todas as nações sul-americanas, desde os seus recentes triunfos no Perú, como o árbitro do Continente. A cena no cume do Potosí, deante das bandeiras desfraldadas de todos os países sul-americanos, assumia um simbolismo eloquentíssimo: “Viemos vencendo desde as costas do Atlântico e em quinze anos de lutas gigantes, havemos derrocado o edifício da tirania formado tranquilamente em tres séculos de usurpação e de violências. As míseras relíquias dos senhores dêste Mundo estavam destinadas á mais degradante escravidão. Qual não deve ser nosso gózo ao ver tantos milhões de homens restituídos aos seus direitos pela nossa perseverança e pelo nosso esforço”. “Em quanto a mim, de pé sobre esta mole de prata que se chama Potosí, cujas veias riquíssimas foram por trezentos anos o erário de Espanha, estimo em nada esta opulência quando a comparo com a glória de haber trazido victorioso o estandarte da liberdade, desde as praias ardentes do Orinoco, para fixá-lo aqui no pico desta montanha cujo seio é o assombro e a inveja do universo”. Nessa hora e naquele lugar, ao fazer o victorioso resumo daquela “luta de gigantes”, mil vezes mais árdua e complexa que os doze trabalhos do mítico heroe heleno, Bolívar encarnava os anelos americanistas dos País da Revolução, e era, pela própria virtualidade da sua obra continental, o chamado a procurar a sua realização.

Segundo Lockey, não se sabe quando concebeu Bolívar por primeira vez a ideia duma aliança entre as nações americanas, apesar de que o completo domínio dos problemas do continente demonstrado na sua carta de Jamaica, faz supor que para essa data havia meditado já profundamente aquela ideia. A questão apresentada pelo autorizado publicista norteamericano, pode resolver-se assegurando que em Bolívar nasceram juntos a sua decisão de consagrar-se á libertação de Hispanoamérica e o propósito de estabelecer uma confederação das colónias hispanas. Seria impossível, com efeito, assinalar em toda a actuação do Libertador o ponto inicial dos seus projectos americanistas. As suas características geniais e as suas hiperestasiadas energias não eram,

*por certo, de natureza a provocar reacções de natureza parcial ante a perspectiva da transformação do mundo colonial espanhol. Desde a sacra colina romana; desde Londres em 1814 e 1815; desde a sua célebre epístola de Jamaica; desde Angostura; na sua resposta a Puyrredón e na sua proclamação aos habitantes do Rio da Prata, até á convocação do Congresso de Panamá, não há um só momento nem existe ocasião que Bolívar não aproveite para exteriorizar na sua linguagem vehemente a mística que o arrebata e inspira quando pensa na América e no seu prodigioso futuro e quando expõe o seu credo de união continental. Nunca Mitre esteve mais inspirado em altos embora incompletos conceitos históricos do que quando disse: “Um sonho costuma ser o fio conductor na vida dum homem. O de Bolívar foi a unificação da América Meridional. Dêste sonho tirou as suas forças morais para criar uma grande potência militar e levar as suas armas triunfantes por todo o Continente, como Alexandre através da Asia. A sua primeira intenção foi a de criar um império colombiano. A segunda visão foi o estabelecimento duma Confederação sul-americana sobre as bases duma liga política e militar, regida por uma Assembleia Internacional de Plenipotenciários, á maneira da Liga Aquea na Grécia”.*

*O insigne Rodó moldou em frases imortais essa verdade histórica que continua reclamando o concurso dos pensadores do Continente e bate ás portas das Chancelarias americanas em busca do acôrdo final e definitivo: “Não concorre no Libertador merecimento mais glorioso, salvo a realização heroica da independência, do que a paixão ardente com que sentiu a natural irmandade dos povos hispanoamericanos e a fé inquebrantável com que aspirou a deixar consagrada a sua unidade ideal por meio duma unidade política real. Nele, esta ideia de unidade não era diferente da ideia de emancipação: eram duas fases do mesmo pensamento, e assim como nem por um instante sonhou com uma independência limitada ás fronteiras de Venezuela ou dos tres povos de Colom-bia, senão que viu sempre na inteira extensão do continente o teatro indivisível da Revolução, nunca acreditou também que a confraternidade na guerra podesse acabar no afastamento que provém das fronteiras internacionais. A América*

*emancipada apresentou-se no seu espírito, desde o primeiro momento, como uma confederação indissolúvel de povos, não no vago sentido duma concordia amistosa ou de aliança destinada a manter o facto da emancipação, senão no sentido concreto e positivo duma organização que levantasse até uma consciencia política comum as autonomias que a estrutura política dos vice-reinados determinava. No istmo de Panamá, onde as duas metades da América se enlaçam e se avisinham os dois oceanos, julgava ver a localização predestinada da Assembleia Federal em que a nova anfictionia erigisse sua tribuna, como a Anfictionia da Grécia no istmo de Corinto. Desde que pela ocupação de Caracas, depois da campanha de 1813, governa pela primeira vez em nome da América, aparece na sua política esta ideia da unidade continental, que hade constituir o supremo galardão a que aspira quando vencedor e árbitro dum mundo”.*

*No seu brilhante ensaio sobre Bolívar, o Congresso de Panamá e a solidariedade americana, o ilustre escritor colombiano Fabio Lozano y Lozano diz que ninguem se atreveu a discutir a Bolívar o facto de haver reunido o Congresso de Panamá, e acrescenta: “Porém numerosos escritores de varios países —como fica dito e como poderia dizer-se muito mais— hão pretendido discutir-lhe a prioridade da ideia de reuni-lo ou de reunir a América numa federação ou confederação. Tais escritores tem-se empenhado em encontrar pais para o grande ideal bolivariano em diversos pontos da América, austral ou boreal. É evidente que em diversos pontos da América houve desde o primeiro dia da Independência mentes elevadas que pensaram na necessidade da união e cooperação como garantia da vida das novas nacionalidades. Miranda primeiro que todos. Os gloriosos libertadores San Martín e O'Higgins, já mencionados. Inquietos pensadores, juristas e escritores, como Monteagudo e João Garcia del Rio. São inumeraveis e vão desde o México até á Argentina.*

*“Merece especial menção don José Cecilio del Valle, nascido nas Honduras, ilustre prócer de toda Centro-América (1780-1834). No Congresso de Panamá (1826), celebrado em memória do de Bolívar, foi aprovada uma moção para um voto de reconhecimento ao senhor del Valle, que*

“simultâneamente com o grande Libertador Simão Bolívar, concebeu o projecto da reunião dum Congresso em que estivessem representadas todas as nações do Continente, com ideais e propósitos idênticos aos daquele” e com séde nas províncias de Costa Rica ou de Leão.

Monteagudo, no seu combatido ensaio, menciona com elogio o projecto do senhor del Valle, publicado no mês de Março no Amigo da Pátria, de Guatemala. E o senhor Pedro Molina, Plenipotenciário de Centro-América junto do Governo de Colombia em 1825, e que firmou com don Pedro Gual o Tratado de União, liga e confederação, e depois os pactos de Panamá, levou a Bogotá a ideia do senhor del Valle de promover um Congresso de Deputados americanos em Guatemala, mas ao verificar que a ideia de Bolívar estava em marcha havia muito tempo, aceitou-a integra, prescindindo da outra. Por onde se vê que a simultaneidade dos projectos do grande centro-americano, autor da Acta de Independência da sua Pátria com os do Libertador e pai da Colombia, é muito relativa, ainda que nem por isso deixam de ter o seu mérito.

“Na Nova Granada, merecem destacar-se, entre outros, além de Nariño, o Precursor, e de Jorge Tadeu Lozano, cuja obra diplomática estudaremos adiante com mais espaço, Camilo Torres, o Verbo da Revolução, autor do Memorial de Agravos, precursor evidente da solidariedade continental, prócer e mártir excelsa. E Santander”.

Seria com efeito vã mistificação atribuir a Bolívar a primazia da ideia da Confederação Americana. Tão vã como a daqueles que pretendem dar a paternidade dos seus planos americanistas a supostos conselheiros seus, alegando que ele, segundo a falsa asserção de Pelliza, “vivendo duma só paixão —a guerra - e dominado por uma só esperança - a victória— não se preocupou nunca na carreira dos seus triunfos, senão das suas empresas marciais”, sem atender entretanto na titânica e originalíssima obra de estadista que foi realizando simultaneamente com as suas empresas guerrreiras. Já se viu como, desde as sombras políticas da época colonial e junto com a ideia da independência, começou a brotar vagamente o sentimento da necessidade duma acção conjunta da América ibérica, que se exteriorizou em 1810

*através de todas as colônias e se traduziu em pactos formais, como o celebrado entre a Junta de Governo de Caracas e o Estado Livre de Cundinamarca, aberto a todos os povos da América, conforme cláusula expressa do mesmo. Mas, nem antes do estalar da Revolução nem depois que esta se senhoreou de todo o império espanhol, surgiu, salvo o caso de Bolívar, o homem capaz de resumir na sua pessoa, por obra do seu próprio impulso e graças à força incontrastável emanada das suas façanhas heroicas, todo o poderio virtual da ideia junto ao somatório de factores de toda a espécie indispensáveis para traduzi-la num vasto sistema continental. Como observa Rodó, Bolívar encarna na total complexidade de meios e de fórmas, a energia da Revolução, desde que, nos seus incertos alvares, lhe abre caminho como conspirador e como diplomata, até que, declarada já, impele para ela os povos com a autoridade do caudilho, infunde o verbo que a anuncia na palavra falada e escrita, a guia até às suas últimas vitórias com a inspiração do seu génio militar, e, finalmente, a organiza como legislador e a governa como político”.*

*Eis porque, ante a sua efectiva e vigorosa gestão americanista, nervo constante das suas actuações triunfais, que culmina na convocação do Congresso de Panamá, obra exclusiva da sua pena, empalidecem e se esfumam aquelas outras manifestações teóricas da solidariedade americana, afogadas pelo torvelinho revolucionário ou postas de lado pelos nacionalismos anárquicos nascidos dele. A pesar do seu fracasso, o Congresso de Panamá marcou o final do período dos sonhos líricos dos filósofos da Revolução e abriu o caminho das realizações continentais baseadas nos princípios da justiça internacional. Ali ficou colocada a primeira pedra da estrutura vindoura do Novo Mundo e assinalado o caminho da cooperação americana que circunstâncias desgraçadas, desproporcionados fenómenos políticos e económicos, e infortunados accidentes históricos haveriam de entorpecer por muitos lustros. Ao fixar as bases da Assembleia e marcar o ponto de reunião, o Libertador iniciou o processo formal das relações interamericanas.*

*O fenómeno histórico da emancipação trouxe pois consigo, indubitablemente, o conceito da solidariedade continen-*

*tal. Mas foi Bolívar quem deu vida a esse pensamento e criou a doutrina que tratou de deixar firmemente enraizada no Panamá, onde a ideia assumiu fórmas concretas, graças ao seu verbo e mercê da sua vontade criadora omnipotente. Por isso, tomado de evidente exaltação, fruto duma visão os épocas ainda remotas para aquela em falava, termina os convites para a reunião com estas palavras sublimes: "No dia em que os nossos plenipotenciários façam a troca de credenciais, teremos fixado na história diplomática da América uma época imortal. Quando, depois de cem séculos, a posteridade procurar a origem do nosso direito público e recordar os pactos que consolidaram o seu destino, registarão com respeito os protocolos do Istmo. Nele encontrarão o plano das primeiras alianças, a traçar a marcha das nossas relações com o universo. Que será então o Istmo de Corinto comparado com o Istmo de Panamá?"*

*As bases propostas nessa ocasião ofereceram o mais vasto campo para a realização do ideal americano e assinalaram substancialmente os princípios fundamentais que deveriam dar forma ao programa desse ideal. O equilíbrio nelas sugerido não era o das forças armadas nem o das alianças agressivas e as novas garantias para a existência dos recentes Estados não consistiam em exércitos nem esquadras. Todo o plano se inspirava numa harmonia superior entre as novas nacionalidades para tornar possível aquela augusta Assembleia de representantes das repúblicas, reinos e impérios da terra com que havia sonhado desde que, vencido pelo adversário e repudiado por seus próprios companheiros, só dispunha para essa empresa da témpera indomável da sua vontade. Nunca será extemporâneo reproduzir essas Bases:*

*"As relações entre as sociedades políticas receberiam um Código de direito público como regra de conduta universal:*

*1º—O Novo Mundo seria constituído por nações independentes, ligadas todas por uma Lei que fixe as suas relações externas e as submeta ao poder conservador dum Congresso Geral permanente.*

*2º—A existência destes novos Estados receberá novas garantias.*

3º—*A Espanha faria a paz por consideração com a Inglaterra e a Santa Aliança daria o seu reconhecimento a estas nações nascentes.*

4º—*A ordem interna conservar-se-ia intacta entre os diferentes Estados e dentro de cada um deles.*

5º—*Nenhum seria débil com relação a outro; nenhum seria mais forte.*

6º—*Estabelecer-se-ia um equilíbrio perfeito nêste estado de coisas verdadeiramente novo.*

7º—*A força de todos concorreria em auxilio daquele que sofresse por parte dum inimigo externo ou das facções anárquicas.*

8º—*A diferença de origem e de côres perderia a sua influencia e poder.*

9º—*A América não recearia mais a esse tremendo monstro que tem devorado San Domingos; nem tampouco recearia a preponderância numérica dos primitivos habitadores.*

10º—*Emfim, a reforma social seria alcançada sob os sagrados auspícios da liberdade e da paz; mas a Inglaterra deveria necessariamente tomar nas suas mãos o fiel desta balança”.*

*Na sua obra citada, Lockey sintentiza nos sete puntos seguintes a aspiração unânime do pensamento continental contemporaneo: “I Independência. II Comunidade de ideias políticas. III Integridade territorial. IV O Direito em vez da Força. V Não intervenção. VI Igualdade. VIII Cooperação”. Se compararmos esta síntese com as Bases do Libertador, observamos imediatamente a identidade de princípios existente entre estas e aquela, salvo diferenças ocasionais, como a de intervenção de carácter familiar que ele sugeria para assegurar os Estados Hispano-Americanos contra o perigo interno das facções anárquicas e a do papel que atribuia á Inglaterra, considerando-a lógicamente como o laço conciliador entre as tendencias liberais da América revolucionária e as combinações reaccionárias da Europa legitimista. Mas essa analogia não surpreende a quem seguir*

*com atenção, dentro da densa trama da vida de Bolívar, o fio a que Mitre aludia, desde o seu começo no Monte Sacro até ao ponto culminante da Assembleia de Panamá, onde remata cabalmente o mandato que a história pôz nas suas mãos e forja aquele escudo dos novos destinos da América, que hade eternizar a vida das nações do Continente en nome da Liberdade e da Justiça, numes inspiradores da sua obra e deidades tutelares da sua glória.*

*Eis aqui a tradição, cujas raízes, como vimos, se confundem com as do movimento emancipador. Eis aqui a doutrina que o Libertador deixou estabelecida, e cujos postulados assumem hoje a categoria de princípios básicos e irre vogaveis das relações interamericanas. Se não havemos aperfeiçoado ainda aquele sistema de “uma Assambleia de Plenipotenciários de cada Estado que nos servisse de conselho nos grandes conflictos, de ponto de contacto nos perigos communs, de intérprete fiel dos Tratados Públicos quando se levantem dificuldades e de conciliador enfim das nossas diferenças” deram-se em troca, passos de positiva transcendência no sentido de solucionar pacificamente os conflictos americanos, de unificar a posição do Novo Mundo frente aos problemas mundiais, e de intensificar a cooperação continental. Um conjunto de organismos interamericanos trabalha hoje eficazmente para o progresso das Américas em todos os ramos e na pesquisa das soluções adequadas para os inevitáveis problemas de ordem económica, ao memo tempo que se procura o entendimento político nas Conferencias panamericanas e nas reuniões de chanceleres. O contacto entre todos os países americanos tornou-se permanente e estreito e nenhuma contingência futura será suficiente para destruir esses laços, consequência duma evolução histórica em cujas entranhas germina o engrandecimento de todos os povos americanos.*

*O apoteagma bolivariano de que na América ninguem seria débil com relação aos outros, nenhum seria mais forte e se estabeleceria um equilíbrio perfeito na nova ordem de coisas, vai-se arreigando no Continente e forma já parte essencial da legislação interamericana contida nos Pactos e Resoluções aprovadas pelas Conferências panamericanas, cujos objectivos mostram uma evolução firme para a meta*

*assinalada nas Bases para o Congresso de Panamá. Ao volver os olhos para as origens das nossas relações e ao contemplar o seu desenvolvimento, torna-se evidente o facto de que apesar dos revezes sofridos, a doutrina americana de Bolívar adquire mais ampla vigência dia a dia e está chamada a produzir no futuro melhores e mais fecundos resultados em beneficio da América.*

*Seguindo uma ordem cuidadosa dos conceitos expostos nos textos bolivarianos, os editores dividiram a sua reprodução em cinco partes. Dêste modo, o leitor poderá apreciar separadamente esses conceitos sobre matérias que, embora correspondam fundamentalmente a um só propósito e a uma inspiração única, mostram, em toda a sua magnífica exuberância e riqueza, os diversos aspectos do pensamento de Bolívar a respeito da questão americana, adoupte-se, de harmonia com os próprios textos, uma classificação dêstes que, por certo, não obedece a nenhum plano rigoroso de hermenéutica histórica nem pretende enquadrar esses aspectos dentro duma moldura. Ao distribui-los debaixo das rúbricas de “A Fraternidade Americana”, a “Interdependência das Nações de América”, “A América e a Guerra”, “América perante o Mundo” e “A União política americana”, apenas se pretendeu sublinhar o conteúdo específico dos textos reproduzidos segundo o tema das suas expressões e fazer uma simples indicação dos variados matizes da ideologia do Libertador acerca da América, vértice de sua obra múltiple e base permanente de orientação das aspirações continentais.*

*CRISTOBAL L. MENDOZA.*

*Caracas, Janeiro de 1953.*

Juro diante de vós, juro pelo Deus de  
meus pais, juro por êles; juro por minha  
honra e juro pela Pátria, que não darei des-  
canso a meu braço nem repouso a minha  
alma, até que haja quebrado as cadeias que  
nos oprimem por vontade do poder espanhol!

(BOLIVAR, 1805,  
No Monte Sacro).

No dia, que não está longe, em que os venezuelanos se convençam de que a sua moderação, o desejo que demonstram de continuar relações pacíficas com a Metrópole, enfim os seus sacrifícios pecuniários não mereceram nem o respeito nem a gratidão a que se julgam com direito, levantarão definitivamente a bandeira da independência e declarão a guerra a Espanha. Não deixarão tão pouco de convidar todos os povos de América a que se unam em confederação. Esses povos, preparados já para tal projecto, seguirão presurosos o exemplo de Caracas.

(De: Artigo no *Morning Chronicle* de Londres, 15 de setembro de 1810).

A identidade da causa de Venezuela com a qual defende tôda a América, e principalmente a Nova Granada, não nos permite duvidar da compaixão que os nossos desastres excitarão nos corações dos seus cidadãos. Sim, os mais ilustres mártires da liberdade na América Meridional puseram a sua confiança no ânimo forte e liberal dos Granadinos do Novo Mundo; Caracas, berço da Independência colombiana, deve merecer a sua redenção, como outra Jerusalém, por novas cruzadas de fieis republicanos, e êstes republicanos não podem ser outros senão aquêles que, sentindo intimamente os tormentos que sofrem as vítimas da Venezuela, se compenetrarão do sublime entusiasmo de serem os libertadores de irmãos cativos.

A segurança, a glória e, o que é mais, a honra dêstes Estados Confederados exigem imperiosamente que defendam

as suas fronteiras, vinguem a Venezuela e cumpram os sagrados deveres de recobrar a liberdade da América do Sul, estabelecer nela as santas leis da Justiça e restituir à humidade os seus naturais direitos.

Cartagena, 27 de novembro de 1812.

*Simão Bolívar,*

Coronel do Exército e Comandante  
de Porto Cabello.

(Da: *Exposição dirigida ao Congresso de Nova Granada.* — Cartagena, 27 de novembro de 1812).

De nenhum modo quisera dar motivo para as suspeitas dos zelosos partidários do federalismo, que possam atribuir a ambições de engrandecimento próprio as providências indispensáveis para a salvação do meu país: mas se dependem delas a existência e a sorte de um milhão de habitantes, e ainda a emancipação da América inteira, toda consideração deve ceder perante objectivo tão interessante e elevado.

(Da carta da Manuel Antônio Pulido, datada de  
Caracas, 13 de outubro de 1813).

Para nós, a pátria é a América; os nossos inimigos, os espanhois; a nossa divisa, a independência e liberdade!

(Da: *Proclamação à Divisão Urdaneta*, datada de  
Pamplona, a 12 de novembro de 1814).

Mostremos aos povos que o Céu nos deu a liberdade para conservação da virtude e a obtenção da pátria dos justos. Que esta metade do globo pertence a quem Deus fez nascer no seu solo, e não aos trânsfugas transatlânticos que, para escapar aos golpes da tirania, vêm estabelecê-la sobre as nossas ruinas. Façamos com que o amor ligue com um laço universal os filhos do hemisfério de Colombo e que o ódio, a vingança e a guerra se afastem do nosso seio e sejam levadas às fronteiras para ser empregadas contra quem é justo usá-los, a saber, contra os tiranos.

(Do: Discurso pronunciado a 13 de janeiro de 1815, em Bogotá, por motivo da incorporação da Cundinamarca às Provincias Unidas).

Este exército passará como mão benfazeja, quebrando quantos ferros oprimem com o seu peso e opróbio todos os americanos que haja ao norte e ao sul da América Meridional. Juro-o pela honra que enobrece os libertadores de Nova Granada e Venezuela; e ofereço a V. E. a minha vida como o último tributo da minha gratidão, para fazer tremular as bandeiras granadinas até aos mais remotos confins da tirania.

(Do: Discurso pronunciado a 13 de janeiro de 1815, em Bogotá).

Asseguro a V. E. que quaisquer que sejam os dias que a Providência me tenha ainda destinados, todos até ao último serão empregados ao serviço de América.

(Da: *Comunicação ao Presidente das Provincias Unidas de Nova Granada*, datada de La Popa, a 8 de maio de 1815).

Permita-se-me dizer de passagem estas quatro palavras:  
*Amo a liberdade da América mais do que a minha própria*

*glória; e para consegui-la não tenho poupado sacrifícios.*  
Se V. E. me der crédito far-me-á um acto de justiça.

(Da: *Comunicação ao Presidente do Governo Geral da Nova Granada*, datada de Kingston, a 27 de maio de 1815).

Um americano não pode ser meu inimigo nem mesmo combatendo contra mim debaixo das bandeiras dos tiranos.

(Da: *Carta a Inácio Caverio y M. Hyslop*, datada de Kingston, a 2 de dezembro de 1815).

Angostura, 12 de junho de 1818.

*Ao Excelentíssimo Senhor Director  
das Províncias Unidas do Rio da  
Prata, Juan Martín Pueyrredón.*

Excelentíssimo Senhor:

Tenho a honra de responder ao ofício que, com data de 19 de novembro de 1816, se dignou V. Ex. dirigir-me e cuja demora, ainda que demasiado sensível, não pôde diminuir o inexplicável júbilo do meu coração por ver iniciadas as relações que há muito tempo desejavamos estabelecer. V. Ex. transpondo os inconvenientes que a distância, a ausência de comunicações e a falta de vias directas apresentavam, adiantou um passo que dá uma vida nova a ambos os governos, fazendo-nos conhecer reciprocamente.

V. Ex. da à minha pátria a honra de contemplá-la como um monumento solitário que recordará à América o preço da liberdade, e renovará a memória dum povo magnânimo incorruptível. Sem dúvida, a Venezuela, tôda consagrada à liberdade, considerou os seus sacrifícios como triunfos. As suas torrentes de sangue, o incêndio das suas povoas-

ções, a ruina absoluta de tôdas as criações do homem, e também da natureza, tudo tem oferecido nas aras da pátria.

Nada é comparável à bondade com que V. Ex. me cobre de elogios imerecidos. Eu apenas pude seguir com passo trêmulo o imenso caminho pelo qual minha pátria me guia. Não tenho sido mais que um débil instrumento posto em acção pelo grande movimento dos meus concidadãos. Eu ofereco a V. Ex. os meus sinceros agradecimentos pela honra que a minha pátria e eu recebemos de V. Ex. e do povo independente da América do Sul; dêsse povo que é a glória do hemisfério de Colombo, o sepulcro dos tiranos e conquistadores, e o baluarte da independência americana. Aceite V. Ex. os votos de admiração que me apresso a tributar às virtudes cívicas, aos talentos políticos e aos brios militares do povo de Buenos Aires e do seu ilustre director.

A proclamação que V. Ex. se dignou dirigir-nos é uma brilhante prova dos sentimentos fraternais e altamente generosos dos nossos irmãos do Sul. Com a maior satisfação, comunico a V. Ex. a resposta cordial que, por meu intermédio, quiseram transmitir os meus concidadãos aos filhos do Rio da Prata. Nela apenas se devem apreciar os sentimentos de terna solicitude que animam a todos os venezuelanos para com os seus dignos compatriotas meridionais.

V. Ex. deve assegurar aos seus nobres concidadãos que não só serão tratados e recebidos aqui como membros dumha república amiga, senão também como membros da nossa sociedades venezuelana. Uma só deve ser a pátria de todos os americanos, já que temos tido perfecta unidade.

Excelentíssimo senhor: quando o triunfo das armas de Venezuela completar a obra da sua independência, ou que circunstâncias mais favoráveis nos permitam comunicações mais freqüentes e relações mais estreitas, apressar-nos-emos, com o mais vivo interesse, a entabular, pela nossa parte, o pacto americano, que, formando de tôdas as nossas repúblicas um corpo político, apresente a América ao mundo com um aspecto de majestade e grandeza sem exemplo nas nações antigas. A América assim unida, se o Céu nos conceder êste desejado voto, poderá chamar-se a rainha das nações e mãe das repúblicas.

Eu espero que o Rio da Prata, com o seu poderoso influxo, cooperará eficazmente para a perfeição do edifício político a que demos principio desde o primeiro dia da nossa regeneração.

Deus guarde a V. Ex. muitos anos.  
Excelentíssimo Senhor.

BOLÍVAR.

*Pedro B. Méndez,*  
Secretário.

SIMÃO BOLÍVAR

Chefe Supremo da República de Venezuela, &., &, &.

*Habitantes do Rio da Prata!*

Vossos irmãos da Venezuela têm seguido convosco a carreira gloriosa que desde o 19 de abril de 1810 fez recuperar à América a existência política de que a tinham privado os tiranos de Espanha. A Venezuela viu com gôsto e admiração a vossa sábia reforma, a vossa glória militar e a vossa felicidade pública. Ela não pode vangloriar-se de havê-los igualado na fortuna: mas sim nos princípios e nos objectivos. Em tudo temos sido iguais. Só a fatalidade, companheira de Venezuela, a fêz sucumbir duas vezes, e o seu terceiro período é disputado com um encarniçamento de que únicamente a nossa história apresenta exemplos. Oito anos de combates, de sacrifícios e de ruinas deram à nossa pátria o direito de igualar-se com a vossa, ainda que infinitamente mais feliz e esplêndida.

A sabedoria do governo do Rio da Prata em todos os ramos da sua administração; as suas transacções com as nações estrangeiras; e o poder das suas armas nos confins

do Perú e na região do Chile, são exemplos eloquentes que persuadirão os povos da América a seguir a nobre senda da honra e da liberdade. A Venezuela, embora de longe, não vos perderá de vista.

Habitantes do Rio da Prata! A República de Venezuela, apesar de coberta de luto, oferece-vos a sua irmandade; e, quando coberta de louros, haja extinguido os últimos tiranos que profanam o seu solo, então vos convidará a uma sociedade única, para que a nossa divisa seja *Unidade* na América Meridional.

Quartel General de Angostura, a 12 de junho de 1818. — 8º

SIMÃO BOLÍVAR.

O meu primeiro pensamento no campo de Carabobo, quando vi a minha pátria livre, foi para V. Ex., o Perú e o seu exército libertador. Ao contemplar que já nenhum obstáculo se opunha a que voasse a estender os meus braços ao libertador da América do Sul, o gôzo encheu os meus sentimentos. V. Ex. deve crer-me: depois do bem da Colômbia, nada me ocupa tanto como o êxito das armas de V. Ex., tão dignas de levar os seus estandartes gloriosos aonde quer que se encontrem escravos que se abriguem à sua sombra. Queira o Céu que os serviços gloriosos do exército colombiano não sejam necessários aos povos do Perú! Mas êle marcha compenetrado da confiança de que, unido a San Martín, todos os tirânicos da América não se atreverão sequer a encará-lo.

(Da Carta a San Martín, datada de Trujillo, a 23 de agosto de 1821).

Pondo de parte tôda a discussão política, V. Ex., com o tom nobre e generoso que compete ao chefe dum grande povo, afirma-me que o nosso primeiro abraço selará a harmonia e a união dos nossos estados, sem que haja obstáculo que se não remova definitivamente. Este proceder magnân-

nimo por parte do protector do Perú foi sempre o esperado por mim.

(Da Carta a San Martín,  
Quito, 22 de junho de 1822).

As nossas relações com a República da Colômbia proporcionaram-nos poderosos auxílios. Nossa aliada e confederada, não opôs reservas contra nós: ela empregou o seu tesouro, a sua marinha, o seu exército em combater o inimigo comum, como em causa própria.

O Congresso observará, por estas demonstrações da Colômbia, o preço infinito que tem no mundo americano a íntima e estreita federação dos novos estados. Persuadido da magnitude do benefício que nos resultará da reunião do Congresso dos representantes, adientei-me a convidar, em nome do Perú, os nossos confederados, para que, sem perda de tempo, realizemos, no Istmo de Panamá, essa augusta assembléia que deve selar a nossa aliança perpétua.

A República do Chile pôs às ordens do nosso governo uma parte da sua marinha, comandada pelo valoroso vice-almirante Blanco, que actualmente bloqueia a praça de Callao com forças chilenas e colombianas.

Os estados do México, Guatemala e Buenos Aires fizeram-nos ofertas de seus serviços, embora sem resultado algum, por causa da celeridade dos acontecimentos. Estas repúblicas estão constituídas e mantêm a sua tranquilidade interna.

(Da: Alocução ao Soberano Congresso Constituinte do Perú, de 10 de fevereiro de 1825).

Não abandonarei, apesar de tudo, o Perú; servi-lo-ei com a minha espada e com o meu coração, enquanto um só inimigo permanecer no seu solo. Depois, ligando as nãos das repúblicas do Perú e Colômbia, daremos o exemplo da

grande confederação que deve fixar os destinos futuros dêste universo.

(Da: Resposta ao Presidente do Congresso do Perú, de 10 de fevereiro de 1925).

A América Meridional formará, sem dúvida, uma confederação cordial nos primeiros anos da sua vida; e isto vejo realizar-se cada vez mais dia a dia. Demorando-me alguns anos no sul da Colômbia (sempre que o permita o nosso Congresso), apraz-me pensar em que as nossas repúblicas se unirão de tal modo, que não aparecerão como nações, mas sim como *irmãs*, unidas por todos os vínculos que nos estreitaram em séculos passados, com a diferença de que então obedeciam a uma só tirania, e agora vamos abraçar uma mesma liberdade com leis diferentes e ainda governos diversos; pois cada povo será livre *a seu modo* e desfrutará da sua soberania, segundo a vontade da sua consciência.

(Da Carta a Unando, datada em Plata, a 25 de novembro de 1825).

Aplicando o exemplo da Venezuela à Nova Granada, e formando uma proporção, acharemos que Coro está para Caracas, como Caracas está para a América inteira; por conseguinte o perigo que ameaça êste país está na razão da progressão anterior; porque possuindo a Espanha o território da Venezuela, poderá com facilidade retirar homens e munições de boca e de guerra, para que sob a direcção de chefes experimentados contra os grandes mestres da guerra, os franceses, penetrem desde as províncias de Barinas e Maracaibo até aos últimos confins da América Meridional.

(Do: *Manifesto de Cartagena*, de 15 de dezembro de 1812).

A reunião de Nova Granada e Venezuela é o objectivo único que me propús desde as minhas primeiras armas: é o voto dos cidadãos de ambos os países e é a garantia da liberdade da América do Sul.

(Do *Discursa perante o Congresso de Angostura*, a 14 de dezembro de 1819).

Quando o germe das gerações estivesse entorpecido; quando as cidades fossem escombros, estivesse aniquilada a própria natureza; então, deixando a Venezuela para guarda dos animais, satisfeitas as ambições dos espanhois, iriam a essas outras regiões da rica América para consumar a destruição do Novo Mundo. A origem desta evidente emprêsa desenvolve-se na Venezuela, México e Buenos Aires para atingir por fim os pontos intermédios. Povos da América! Lêde nos acontecimentos desta guerra as intenções

espanholas: meditai sobre o destino que vos preparam. Para não desaparecer, decidí que partido tomar.

(Do: Manifesto de San Mateo, de 24 de fevereiro de 1814).

V. sabe quais são as minhas ideias a respeito dos negócios da Colômbia e dos da América inteira; sou liberal por egoismo; desejo a independência de todo o continente para evitar uma guerra no futuro.

(Da Carta a Santander, datada de Lima, a 10 de outubro de 1823).

Por último, volto ao meu tema: a América é uma máquina eléctrica que reage tôda, quando tocada em qualquer dos seus pontos.

(De carta a Santander, datada de Lima, a 6 de janeiro de 1825).

III

A AMÉRICA E A GUERRA

A nossa emprêsa tem caminhado às apalpadelas, porque estavamos cegos; os golpes nos abriram os olhos; e com a experiência e com a visão que temos adquirido ¿porque não havemos de evitar os perigos da guerra e da política, e alcançar a liberdade e a glória que nos esperam para galardão dos nossos sacrifícios? Estes não se podiam evitar, porque para alcançar o triunfo sempre tem sido indispensável passar pela via dos sacrifícios. A América inteira está tinta de sangue americano, necessário para lavar uma mancha tão envelhecida. É o primeiro que se verte neste desgraçado continente, sempre teatro de desolações, e nunca de liberdade. México, Venezuela, Nova Granada, Quito, Chile, Buenos Aires e o Perú apresentam heroicos espectáculos de triunfos; por tôda parte corre no Novo Mundo o sangue de seus filhos, e agora também pela liberdade, único objecto digno do sacrifício da vida dos homens. Pela liberdade, digo, está eriçada de armas a terra, que há pouco sofria o repouso dos escravos; e se desastres horrorosos tem afigido as mais belas províncias e até repúblicas inteiras, tem sido por culpa nossa, e não pelo poder dos nossos inimigos.

(Do: Discurso de 13 de janeiro  
de 1815, Bogotá).

*Declaração da República da Venezuela*

SIMAO BOLIVAR

Chefe Supremo da República de Venezuela, &., &, &.

Considerando que, tendo o governo espanhol solicitado

a mediação das altas potências para restabelecer a sua autoridade, a título de reconciliação, sobre os povos livres e independentes da América, convém declarar à face do mundo os sentimentos e a decisão da Venezuela:

Que, embora êstes sentimentos e esta decisão se tenham manifestado na República desde o dia 5 de julho de 1811, e mais particularmente desde os primeiros anúncios das negociações do gabinete de Madrid, é dever do governo, ao qual incumbe a representação nacional, reiterá-los e declará-los de modo legal e solene:

Que esta declaração franca e sincera não só é devida às grandes potências, como testemunho de consideração e respeito, mas também indispensável para acalmar os ânimos dos cidadãos de Venezuela:

Reunidos en junta nacional o Conselho de Estado, a Corte Suprema de Justiça, o Governador, o Vigário geral dêste bispado sede vacante, o Estado Maior Geral, e tôdas as autoridades civis e militares, depois de haver examinado detidamente a atitude do governo espanhol, declaramos:

. . . . .

. . . . .

7º. — Que toda a América, e muito particularmente a Venezuela, está intimamente convencida da impossibilidade absoluta en que se encontra Espanha de restabelecer de qualquer modo a sua autoridade neste continente.

8º. — Que toda a América já está satisfeita com as suas fôrças e os seus recursos: conhece as suas vantagens naturais e os seus meios de defesa, e está segura de que não há sobre a terra poder bastante para uni-la outra vez à Espanha.

9º. — Que, quando o houvesse, está resolvida a perecer antes que se entregar de novo a um governo de sangue, de fogo e de extermínio.

10º. — Que, encontrando-nos de posse da liberdade e independência que a natureza nos havia concedido e que as próprias leis de Espanha e os exemplos da sua história nos autorizavam a conseguir pelas armas, como efectivamente

alcançamos, seria um acto de demência e estultice submetermo-nos, sob quaisquer condições que sejam, ao governo espanhol.

.....

Dado, firmado de meu punho, selado com o sêlo provisório da República e referendado pelo secretário de estado no palácio do governo de Angostura, a 20 de novembro de 1816, oitavo ano de independência.

### SIMAO BOLIVAR

Por S. Ex. o Chefe Supremo,

O Secretário de Estado,

*Pedro Briceño Méndez.*

Soldados! Vós não ereis duzentos quando começastes esta assombrosa campanha; agora que sois muitos milhares, a América inteira é teatro demasiado pequeno para o vosso valor. Sim, Soldados, pelo Norte e pelo Sul desta metade do mundo haveis derramado a liberdade. Dentro em breve a capital da Venezuela vos receberá pela terceira vez e o seu tirano nem se atreverá sequer a esperar-nos. E o opulento Perú será coberto, a um tempo, pelas bandeiras venezuelanas, granadinas, argentinas e chilenas. Lima talvez receba no seu seio quantos libertadores são a honra do mundo moderno.

(Da: *Proclamação ao Exército Libertador*, datada de Santa Fé, a 24 de agosto de 1819).

*Bogotá, 10 de janeiro de 1821.*

Ao Excmo. Senhor Don José de San Martín,  
Capitão General do Exército Libertador  
do Perú, etc. etc.,

Excmo. Senhor:

Tenho a honra de acusar a V. Ex. o recebimento do ofício

de 12 de outubro, de Pisco, do ano próximo passado. Eu havia desejado êste momento tôda a minha vida; e só o desejo de abraçar V. Ex. e o de reunir as nossas bandeiras podem dar-me satisfação maior. O vencedor de Chacabuco e de Maipú, o primeiro filho de La Plata, esqueceu-se da própria glória ao dirigir-me os seus exagerados encômios, mas isso o honra, porque são o testemunho mais brilhante da sua bondade e do próprio desprendimento. Ao saber que V. Ex. pisou as fronteiras do Perú, já as quero crer livres; e, com antecipação, apresso-me a congratular V. Ex. por esta terceira pátria que lhe deve a sua existência.

Encontro-me em marcha para ir cumprir os meus oferecimentos de reunir o império dos Incas ao império da Liberdade; sem dúvida, é mais fácil entrar em Quito do que em Lima; mas V. Ex. pode fazer mais facilmente o que é difícil do que eu o que é fácil; bem depressa, a divina Providência, que tem protegido até agora os estandartes da Lei e da Liberdade, nos reunirá nalgum canto do Perú, depois de havermos passado sobre os troféus dos tiranos do mundo americano.

Eu convido V. Ex. a dar a sua valiosa cooperação, vindo aos confins da Colômbia, na costa do Panamá, embarcar os soldados colombianos que, deixando já as bandeiras do triunfo sôbre tôdas as muralhas da república, querem voar aos Andes do Sul para abraçar os seus intrépidos e esclarecidos irmãos de armas e com êles marchar juntos para despedaçar quantos ferros oprimam os filhos da América. A esquadra do Chile, a esquadra de lord Cochrane, fará passar pelos mares, que ela libertou dos inimigos do comércio, o exército colombiano auxiliar do Perú.

Não tenho dúvidas, milord, que os magnânimos sentimentos de V. Ex. o farão apressar, em tudo o que estiver ao seu alcance, os passos necessários para aniquilar para sempre o império do mal no Novo Mundo.

(Da Carta do Almirante Cochrane, datada de Trujillo a 23 de agosto de 1821).

Desde o momento em que Providência concedeu a vitória às nossas armas nos campos de Carabobo, as minhas primeiras vistos se dirigiram para o Sul, para o exército do Chile. Cheio dos mais ardentes desejos de participar das glórias do exército libertador do Perú, o da Colômbia marcha para quebrar quantas cadeias encontre nos povos que gemem escravizados na América meridional.

Em marcha para tão santa missão, envio o meu ajudante de campo, o Coronel Ibarra, a S. Ex. o General San Martín, para que se sirva ter a bondade de facilitar os meios de reunir os exércitos da Colômbia aos de Chile. Onde quer que êstes irmãos de armas recebam os primeiros abraços, aí nascerá uma fonte de liberdade para todos os cantos da América.

Digne-se V. Ex. prestar a sua protecção a esta empresa benéfica, e todos os nossos irmãos serão livres para sempre.

(Da carta a O'Higgins, datada de Trujillo,  
a 23 de agosto de 1821).

Apraz-me pensar em que V. Ex., animado dos seus elevados princípios e cumprindo os votos do seu generoso coração, actuará de modo que a Colômbia e o México se apresentem ao mundo de mãos dadas, e mais do que isso unidas pelo coração.

Na desgraça a sorte nos uniu, o valor juntou-nos nos desígnios, e a natureza deu-nos um mesmo ser para que fôssemos irmãos.

(Da carta a Iturbide, datada de Rosário  
de Cúcuta, a 10 de outubro de 1821).

Aos Senhores Ministros Plenipotenciarios da Colômbia no Congresso de Panamá (Don Pedro Gual e General P. Briceño Méndez).

Estimados amigos:

Depois de escrita a anterior de 8, estive meditando com muita atenção sobre a liga federal e a liga militar que pro-

põem alguns dos Estados da América. Penso que a primeira não será mais do que nominal, pois um pacto com um mundo inteiro vem a ser na realidade nulo; do mesmo modo, já que os mexicanos querem uma liga militar, eu sou de opinião que a formemos entre a Colômbia, a Guatemala e o México, que são os únicos Estados que temem ataques por parte do Norte.

O Perú e a Bolívia não deixarão de auxiliar a Colômbia, por causa dos serviços que lhe devem; e assim, embora não sejam partes constituintes da liga, isto pouco importa.

O tratado que temos de concluir com a Guatemala e o México deve conter as seguintes estipulações:

1º. — Que se dê à Espanha um prazo de três ou quatro meses para que decida se prefere a continuação da guerra em lugar da paz.

2º. — Nestes quatro meses há de efectuar-se o armamento e reunião da esquadra e exército federal, ou da liga, como queiram chamar-lhe.

3º. — O exército não será inferior a 25.000 homens e a esquadra de trinta navios de guerra. Estes serão quatro naus de linha, oito fragatas grandes, oito fragatas menores, e o resto corvetas, bergantins e goletas.

4º. — Cada Estado pagará o que se estipular para a manutenção do seu contingente, tomando para isso os árbitros que julgue conveniente.

5º. — Cada governo deve *comandar* o seu contingente, mas de acordo com os restantes, e com a idéia de um plano dado.

6º. — Este plano assentará em: 1º, defender qualquer parte das nossas costas que fôr atacada pelos espanhois ou inimigos nossos; 2º, fazer expedições contra a Havana e Pôrto Rico; 3º, marchar contra Espanha ,com maiores fôrças, depois da tomada de Pôrto Rico e Cuba, se até então não quiserem os espanhois a paz.

7º. — Para os casos de se reunirem fôrças marítimas e terrestres, pode estipular-se a condição de que o oficial mais antigo seja o comandante em chefe; mas, se os confederados

do México e da Guatemala não quiserem aceitar esta condição, a Colômbia pode oferecer-lhes, por generosidade, o comando, quer no mar quer na terra.

Se os mexicanos e os de Guatemala quiserem entrar nesta liga, creio que Vossas Excelências devem formá-la imediatamente mesmo que não tenham instruções do poder executivo; pois eu estou resolvido a aprová-la logo que o texto chegue à Colômbia e influir em que o Congresso a ratifique. Digo mais, se os do México e Guatemala preferem outras condições diferentes das que indiquei, devem ser também admitidas contanto que haja uma liga marítima e terrestre com o fim de defender o território dos aliados. Também creio que o exército não deve ser inferior a 20.000 homens e a esquadra deve ser igual, pelo menos, à dos espanhois da América, sempre com a idéia ostensiva de tomar Havana e Pôrto Rico. Irei mais longe: se no tratado saímos prejudicados pela desproporção do contingente, devemos ainda assim aceitá-lo para não nos encontrarmos sós nesta luta; pois no final a Colômbia teria de combater sózinha.

A Guatemala e a Colômbia podem contribuir com a metade do exército, da marinha e dos gastos; e a outra metade o México, que tem o dôbro de riqueza e o dôbro da população da Colômbia. Guatemala de nenhum modo equivale à Colômbia; por conseguinte, a vantagem é para o México que tem um milhão de habitantes mais do que as outras duas repúblicas contratantes.

Não é que existam dois Congressos. Como fomentarão o cisma aqueles que mais conhecem a necessidade da união? O que queremos é que essa união seja efectiva e nos anime á gloriosa empresa da nossa liberdade; unirnos para descançar e para dormir nos braços da apatia, foi ontem uma falta, é hoje uma traição. Discute-se no Congresso Nacional o que devia estar já decidido. E que dizem? que devemos começar por uma confederação, como se não estivessemos todos confederados contra uma tirania estrangeira. Que devemos esperar os resultados da política de Espanha. Que nos importa que Espanha venda a Bonaparte os seus escravos ou que os conserve, se estamos resolvidos a ser livres? Estas dúvidas são tristes efeitos das antigas peias. Que os grandes projectos devem preparar-se com calma! Trezentos anos de calma, não bastam? A Junta Patriótica respeita, como deve, o Congresso da Nação, mas o Congresso deve ouvir a Junta Patriótica, centro de ideias e de todos os interesses revolucionários. Ponhamos sem receio a pedra fundamental da liberdade sul-americana: vacilar é perdem-nos.

Proponho que uma comissão escolhida dêste corpo leve ao Soberano Congresso estes sentimentos.

(Do: *Discurso pronunciado na Sociedade Patriótica de Caracas, a 4 de julho de 1811*).

Depois dêsse equilíbrio continental que a Europa procura onde menos parece que deva encontrar-se, no seio da guerra e das agitações, há outro equilíbrio, Exmo. Senhor:

*aquele que a nós nos importa: o equilíbrio do Universo.* As ambições das nações da Europa, levam a escravidão ás demais partes do Mundo; e todas estas partes do Mundo deviam de estabelecer o equilíbrio entre elas e a Europa, para destruir a preponderância da última. *Eu chamo a isto, o equilíbrio do Universo, que deve entrar nos cálculos da política americana.*

É mister que a força da nossa Nação seja capaz de resistir com sucesso, ás agressões que possa intentar a ambição europeia; e este colosso de Poder, que deve opôr-se aquele outro colosso, não pode formarse senão pela reunião de toda a América Meridional, sob um mesmo Corpo de Nações, para que um só Govêrno central possa aplicar os seus grandes meios a um único fim, que é o de resistir com todos eles ás tentativas exteriores, enquanto que, interiormente, multiplicando-se a mútua cooperação de todos eles, nos elevarão ao cume do poder e da prosperidade.

(Do: *Informe do Ministério de Estado e Relações Exteriores*, datado de 31 de dezembro de 1813. Assinado por António Muñoz Tébar. As ideias são, sem dúvida, de Bolívar.

Nações da terra! se não quereis decreto que se extinga uma metade do mundo: conhecei aos nossos inimigos: ides a enfrentar a inevitável alternativa de que eles ou nós tem de ser imolados. Sêde justos: um pequeno número de intrusos não deve prevalecer sobre milhões e milhões de homens civilizados. Vós aplaudís já a nossa última e indispensável sentença: e o sufrágio do universo é o que mais a justifica.

(Do: *Manifesto ás Nações do Mundo*, datado de San Mateo a 24 de fevereiro de 1814. Embora firmado por António Muñoz Tébar, são ideias de Bolívar, e possivelmente redacção do próprio Libertador).

Sim, Exmo. Senhor, hemos chegado a representar no teatro político a grande cena que nos corresponde, como possuidores de metade do mundo. Um vasto campo se apresenta deante de nós, que nos convida a ocupar-nos dos nossos interesses: e apesar de que os nossos primeiros passos tem sido tão trémulos como os dum infante, a rigorosa escola dos trágicos sucessos afirmou a nossa marcha, por aprender com as quedas onde estão os abismos, e com os naufrágios, onde estão os escolhos.

(Do: *Discurso de 13 de janeiro de 1815, Bogotá*). 1

Entretanto V. Ex. apresenta-se á face do mundo, com a magestosa actitude duma nação respeitável pela solidez da sua constituição, que formando de todas as partes anteriormente deslocadas, um corpo político, possa ser reconhecido como tal pelos estados estrangeiros, que não podiam tratar com esta república, por carecer de força e autoridade legítima, como carecia de legitimidade o poder efectivo das provincias. Representadas estas por si mesmas, eram irmãs divididas, que não formavam uma família.

(Do: *Discurso de Bogotá, 13 de janeiro de 1815*).

Dirijo-me a V., respeitável amigo e senhor, para interessar a sua influência em favor dum mundo tão digno de compaixão por sua inocêncio como cruelmente perseguido pelos seus tiranos. Sim, senhor, a sorte da América reclama impetuosamente o favor de quantas almas generosas conhecem o preço da liberdade e se gloriam de defender a justiça. Em V. resplandecem estas heroicas virtudes. V. pois, ouvirá com ternura os gritos de vinte milhões de victimas. Digne-se V. prestar-me atenção.

A filosofia do século, a política inglesa, a ambição de França e a estupidez de Espanha, reduziram subitamente a

América a uma absoluta orfandade, e a deixaram indirectamente no estado de anarquia passiva. As luzes de alguns aconselharam-nos a independência, esperando fundadamente a sua protecção na nação britânica, porque a causa era justa. A massa geral dos povos foi dócil ao princípio e seguiu a senda do bem. Mas, recobrados os espanhois da primeira surpresa, porque a Inglaterra lhes restituiu a esperança, dirigiu a sua atenção não a recobrar seu antigo domínio ou a conquistá-lo para o haver: com o fogo e a espada na mão, o seu projecto é reduzir, segunda vez, a uma solidão esta metade do mundo que a sua impotência não pôde conservar.

O equilíbrio do universo e o interesse da Gran Bretanha encontram-se de perfeito acôrdo para a salvação da América. Que imensa perspectiva oferece a minha Pátria aos seus defensores e amigos! Ciências, artes, indústrias, cultura, tudo o que hoje em dia faz a glória e excita a admiração dos homens no continente da Europa, passará á América. A Inglaterra, quasi exclusivamente, verá refluir ao seu país a prosperidade do hemisfério que, quasi exclusivamente, deve contá-la como sua bemfeitora.

Este será o último período da nossa existência, se uma nação poderosa não nos prestar auxílios de todo o género; que dôr! termos uma massa enorme de força que por si mesma deve derrubar-se se artífices fortes e hábeis não construirão o edifício da nossa liberdade. Imensas regiões sulcadas por caudalosos rios; mananciais inesgotáveis de riquezas agrícolas e mercantis, tudo será aniquilado pela malevolência espanhola. Províncias inteiras estão convertidas em desertos; outras são teatros espantosos dum anarquia sanguinária. As paixões estão excitadas por todos os estímulos, o fanatismo vulcanizou as cabeças, e o extermínio será o resultado destes elementos desorganizadores.

Eu vi, amigo e senhor meu, a chama devoradora que consome rapidamente o meu desgraçado país. Não podendo apagá-la depois de haver feito inauditos e inúmeros esforços, tenho começado a dar o alarme ao mundo, a implorar auxílios, a anunciar á Gran Bretanha e a toda a humanidade, que uma grande parte da sua espécie vai fenececer, e que a mais bela metade da terra será devastada.

Veja V., senhor, com indulgência, estes transportes que parecerão exagerações dum delirante, mais do que expressões de factos certos e de previsões justas. Mas não, não é senão a imagem fielmente representada do que tenho visto e do que é infalivel, se a Gran Bretanha libertadora da Europa, amiga da Asia, protectora da Africa, não é a salvadora da América.

Se me tivesse ficado um só raio de esperança de que a América podesse triunfar por si só, ninguém haveria ambitionado mais do que eu a honra de servir ao meu país, sem rebaixá-lo á humilhação de solicitar uma protecção extranha. Esta é a causa da minha separação da Costa-Firme. Venho procurar auxílio, irei em sua procura até essa soberba capital; se fosse necessário marcharei até ao polo; e se todos forem insensíveis á voz da humanidade, haverei cumprido o meu dever ainda que inútilmente, e voltarei a morrer combatendo na minha pátria.

(Da carta a Ricardo Wellesley, datada de Kingston, a 27 de maio de 1815).

Nós esperavamos com razão que as nações cultas se apressariam a auxiliar-nos, para que adquirissimos um bem cujas vantagens são recíprocas a ambos hemisféricos. Não obstante, que frustradas esperanças! Não só os europeus, mas até os nossos irmãos do norte se mantiveram espectadores imóveis desta contenda, que pela essencia é a mais justa, e pelos seus resultados a mais bela e importante de todas as que se hão suscitado nos séculos antigos e modernos, porque até onde se pode calcular a transcendência da liberdade no hemisfério de Colón?

Nós somos um pequeno género humano; possuímos um mundo aparte; cercado por dilatados mares, novo em quasi

todas as artes e ciências ainda que de certo modo velho nos usos da sociedade civil.

.....

Eu desejo mais do que qualquer outro ver formar na América a maior nação do mundo, menos por sua extensão e riquezas que por sua liberdade e glória. Ainda que aspire á perfeição do govêrno da minha pátria, não posso persuadir-me que o Novo Mundo seja nêste momento regido por uma grande república; como isso é impossível, não me atrevo a desejá-lo, e menos desejo uma monarquia universal da América, porque este projecto, sem ser útil, é também impossível. Os abusos que existem actualmente não se reformariam e a nossa regeneração seria infructuosa. Os estados americanos necessitam dos cuidados de govêrnos paternais que curem as chagas e as feridas do despotismo e da guerra. A metrópole, por exemplo, seria México, que é o único que pode sê-lo por seu poder intrínseco, sem o qual não há metrópole. Suponhamos que o fôsse o istmo de Panamá, ponto céntrico para todos os extremos deste vasto continente, não continuariam êstes na languidez e até na desordem actual? Para que um só govêrno dê vida, anime, ponha em acção todos os elementos da prosperidade pública, corrija, ilustre e aperfeiçõe o Novo Mundo, seria necessário que tivesse as faculdades dum Deus, e pelo menos as luzes e virtudes de todos os homens.

.....

É uma ideia grandiosa pretender formar de todo o Novo Mundo uma só nação com um só vínculo que ligue as suas partes entre si e com o todo. Já que teem uma origem, uma língua, uns costumes e uma religião, deveriam, por consequinte, ter um só govêrno que confederasse os diferentes estados que venham a formar-se ;mas isso não é possível, porque climas remotos, situações diversas, interesses opostos, caracteres dissemelhantes, dividem a América. Que belo seria que o Istmo de Panamá fosse para nós o que o de Corinto

foi para os gregos! Oxalá que algum dia tenhamos a fortuna de instalar ali um augusto congresso dos representantes das repúblicas, reinos e impérios, para tratar e discutir os altos interesses da paz e da guerra, com as nações das outras partes do mundo.

.....

Eu direi a V. o que pode pôr-nos em atitude de expulsar os espanhois e fundar um governo livre: é *a união*, de certo, mas esta união não nos virá por prodígios divinos senão por actos sensíveis e esforços bem dirigidos. A América está desencontrada entre si, porque se encontra abandonada de todas as nações; isolada no meio do universo, sem relações diplomáticas nem auxílios militares, e combatida pela Espanha que possui mais elementos para a guerra do que quantos podemos adquirir furtivamente.

Quando os sucessos não estão assegurados, quando o estado é fraco, e quando as empressas são remotas, todos os homens vacilam, dividem-se as opiniões, agitam-se as paixões e os inimigos as incitam para triunfar por este meio fácil. Logo que fôrmos fortes, sob os auspícios duma nação liberal que nos preste a sua protecção, ver-se-nos-há de acôrdo cultivar as virtudes e os talentos que conduzem á glória; então seguiremos a marcha magestosa para as grandes prosperidades a que está destinada a América meridional; então as ciências e as artes que nasceram no Oriente e tem ilustrado a Europa voarão á Colombia livre, que lhes dará asilo.

(Da Carta de Jamaica, datada em Kingston,  
6 de setembro de 1815).

O caso da América não é um problema nem sequer um facto, é um decreto soberano, irrevogável, do destino: este mundo não se pode ligar a nada, porque os dois grandes oceanos do mundo o rodeam e o coração dos americanos é absolutamente independente.

(Da Carta a Santander, datada de Guayaquil, 6 de agosto de 1823).

Verifica-se sempre que, com respeito a Nova Granada, a política de V. E. não tem sido únicamente a de estreitar a nossa aliança com ela. Pretende mais: fazer de ambas as regiões uma só Nação. Considerações da mais alta importância determinam esta medida indispensável. O interesse de Nova Granada, o nosso próprio, as ideias dos outros gabinetes sobre êste assunto, abundantemente manifestadas, obrigam V. E. a acelerar êste passo. A nossa força vai nascer desta união. Os inimigos da causa americana hão de tremer diante de tão formidável corpo, que por toda a parte lhes resistirá unido. O poder e a prosperidade interior chegarão ao máximo, quando, dirigidos por um único impulso, os nossos elementos de força e prosperidade, converjam de harmonia para formar um grande todo. Ao passo que assim fomentamos a grandeza nacional, extinguimos entre nós todo o gérmen de divisão, e impedimos o que já uma vez afligiu a Nova Granada, quando se empenharam as suas regiões numa guerra que as destruía mutuamente, e fazia rir o bárbaro espanhol, que contemplava debilitar-se o inimigo sem risco para eles.

Se nestes séculos de ignominia, em que um Continente mais rico e mais povoado do que a Espanha foi a vítima dos planos pérfidos do Gabinete de Madrid, se êste poude desde duas mil léguas de distancia, sem enormes forças, manter a América, desde o Novo-México até Magalhães, debaixo do seu duro despotismo, porque entre Nova Granada e Venezuela não poderá fazer-se uma sólida reunião? e ainda, porque toda a América meridional não se reune sob um governo único e central?

As lições não devem perder-se para nós, o espectáculo que oferece a Europa, inundada de sangue para restabelecer

um equilíbrio que está sempre perturbado, deve corrigir a nossa política, para salvá-la daqueles sangrentos perigos; se o nosso continente se dividisse em nações como a Europa; se guiassem ao governo americano os principios que geralmente dirigem os Gabinetes daquela, nós teríamos também as oscilações do equilíbrio continental, e derramariam o sangue que ela imola aos pés deste ídolo da sua política.

Nós encontramo-nos agora nessa feliz disposição de poder dar, sem obstáculo, a direcção mais conveniente á nossa política. V. E. a quem a América contempla vitorioso, que é a admiração e a esperança dos seus concidadãos, é o mais próprio para reunir os votos de todas as regiões meridionais; e de ocupar-se desde agora, em formar a um tempo a grande Nação Americana e de preservá-la dos males que tem trazido á Europa o sistema das suas nações.

(Do: Informe de 31 de dezembro de 1813).

Eu creio que agora mais do que nunca é-nos indispensável terminar a expulsão dos espanhois de todo o continente, estreitarmo-nos e garantirmo-nos mútuamente, para enfrentar os novos inimigos e os novos meios que possam empregar. O Governo de Colombia destinará um enviado junto de V. E. para tratar de tão importante negócio.

(Da Carta a San Martín, datada de Bogotá, a 16 de novembro de 1821).

Ao Excmo. Senhor Director Supremo do Chile.

Excmo. Senhor:

De quantas épocas assinala a história das nações americanas, nenhuma é tão gloriosa como a presente, em que libertos os impérios do Novo Mundo das cadeias que desde o

outro hemisfério lhes havia colocado a cruel Espanha, hão recobrado a sua liberdade, dando-se uma existência nacional. Mas o grande dia da América não chegou ainda. Havemos expulsado os nossos opressores, quebrado as tábuas das suas tirânicas leis e fundado instituições legítimas; mas falta-nos ainda pôr o alicerce do pacto social que deve formar dêste mundo uma nação de repúblicas.

V. E. colocado á frente do Chile, está chamado por uma sorte muito afortunada a selar com o seu nome a liberdade eterna e a salvação da América. É V. E. o homem a quem essa bela nação deverá, na sua mais remota posteridade, não sómente a sua criação política senão a sua estabilidade social e o seu repouso doméstico.

A associação dos cinco grandes Estados da América é tão sublime por si mesma, que não duvido venha a ser motivo de assombro para a Europa. A imaginação não pode conceber sem pasmo a magnitude dum colosso, que semelhante ao Júpiter de Homero, fará tremer a terra com um olhar. Quem resistirá á América unida de coração, submissa a uma lei e guiada pelo facho da liberdade? Tal é o designio que se propôz o Govêrno de Colombia ao enviar junto a V. E. o nosso Ministro Plenipotenciário senador Joaquim Mosquera.

Digne-se acolher esta missão com toda a sua bondade. Ela é a expressão do interesse da América. Ela deve ser a salvação do Novo Mundo.

Aceite V. E. as homenagens de alta consideração com que tenho a honra de ser de V. E. seu obediente servidor.

*BOLIVAR.*

A reunião da Nova Granada e Venezuela num grande Estado tem sido o voto uniforme dos povos e Govêrnos destas Repúblicas. A sorte da guerra efectuou este enlace tão desejado por todos os Colombianos; de facto, estamos incorporados. Estes povos irmãos confiaram-vos os seus interesses,

os seus direitos e os seus destinos. Ao contemplar a reunião desta imensa comarca, minha alma sobe á eminencia que a perspectiva colossal exige para um quadro tão assombroso. Voando por entre as próximas idades, a minha imaginação fixa-se nos séculos futuros, e observando de lá, com admiração e paixão, o esplendor, a vida que recebeu esta vasta região, sinto-me arrebatado e parece-me que a vejo no coração do universo, extendendo-se sobre as suas dilatadas costas, entre êstes oceanos, que a natureza havia separado e que a nossa pátria reúne com prolongados e largos canais. Vejo-a servir de laço, de centro, de empório á familia humana: vejo-a enviando a todos os recantos da terra os tesouros que as suas montanhas de prata e ouro abrigam: vejo-a distribuindo com as suas divinas plantas a saúde e a vida aos homens doentes do antigo universo: vejo-a comunicando os seus preciosos segredos aos sábios quão superior é a soma de luzes, á soma de riquezas que a natureza lhe prodigalizou. Vejo-a sentada sobre o trono da liberdade, coroada pela Glória, mostrar ao mundo antigo a magestade do mundo moderno.

(Do: *Discurso de Angostura*, de 15 de fevereiro de 1819).

Não é o interesse duma pequena província o que pode perturbar a marcha magestosa da América meridional, que, unida de coração, de interesses e de glória, não fixa os seus olhos sobre as pequenas manchas da revolução, senão que eleva as suas vistas sobre os mais remotos séculos, e contempla com prazer gerações livres, ditosas e cheias de todos os bens que o céu distribui á terra, bendizando a mão dos seus protectores e libertadores.

(Da Carta a San Martín, datada de Quito, a 22 de junho de 1822).

Lisonjeio-me de que o senhor Mosquera, nosso enviado, haja tido a honra de apresentar a V. E. as nossas ideias de unidade americana, e também me lisonjeio de que V. E. animado dos mesmos sentimentos que o Protector do Perú e Colombia, aceite gostoso o pacto de salvação que já começámos a cumprir entre o Perú e nós.

(Da carta a O'Higgins, datada de Guayaquil, a 29 de agosto de 1822).

*Convite aos governos de Colombia, México, Rio da Prata, Chile e Guatemala, para formar o Congresso de Panamá.*

Lima, dezembro de 1824.

Exmo. Senhor. ....

Grande e bom amigo:

Depois de quinze anos de sacrifícios consagrados á liberdade da América, para alcançar o sistema de garantias que, na paz e na guerra, seja o escudo do nosso novo destino, já é tempo que os interesses e as relações que unem entre si as repúblicas americanas, antes colónias espanholas, tenham uma base fundamental que eternize, se tal é possível, a duração destes governos.

Entabular aquele sistema e consolidar a força dêste grande corpo político, pertence ao exercício dumha autoridade sublime, que dirija a política dos nossos governos, e cujo influxo mantenha a uniformidade dos seus principios, e cujo nome baste para calmar as nossas tempestades. Tão respeitável autoridade não pode existir senão numa assembleia de plenipotenciários nomeados por cada uma das nossas repúblicas, e reunidos sob os auspícios da victoria, obtida pelas nossas armas contra o poder espanhol.

Profundamente compenetrado destas ideias, convidei em oitocentos e vinte e dois, como presidente da república de

Colombia, aos governos de México, Perú, Chile e Buenos Aires, a formarmos uma confederação e reunirmo-nos no Istmo de Panamá, ou outro ponto a escolher por maioria, numa assembleia de plenipotenciários de cada Estado "que nos servisse de conselho nos grandes conflictos, de ponto de contacto nos perigos comuns, de intérprete fiel dos tratados públicos quando ocorressem dificuldades, e de conciliador, emfim, das nossas diferenças".

O Govêrno do Perú celebrou em seis de julho daquele ano um tratado de aliança e confederação com o plenipotenciário de Colombia; e com ele ficaram ambas as partes comprometidas a interpôr os seus bons ofícios com os governos da América, antes espanhois, para que entrando todos no mesmo pacto, se verificasse a reunião da assembleia geral dos confederados. Igual tratado concluiu no México, a tres de outubro de oitocentos e vinte e tres, o enviado extraordinário de Colombia áquele Estado; e há fortes razões para esperar que os outros governos se submeterão ao conselho dos seus mais altos interesses.

Diferir por mais tempo a assembleia geral dos plenipotenciários das repúblicas que de facto estão já confederadas, até que se verifique a entrada dos restantes, seria privarmos das vantagens que nos traria aquela assembleia pelo facto da sua instalação. Essas vantagens aumentam prodigiosamente, se contemplarmos o quadro que nos oferece o mundo político, e muito particularmente, o mundo europeu.

A reunião dos plenipotenciários do México, Colombia e Perú, retardar-se-ia indefinidamente se não fôr promovido por uma das partes contractantes, a menos que se aguardasse o resultado duma nova convenção especial sobre o lugar e data relativos a este grande objectivo. Considerando as dificuldades e demoras pela distancia que nos separa, unidas a outros motivos solemnes que emanam do interesse geral, resolvo-me a dar este passo com a ideia de promover a reunião imediata dos nossos plenipotenciários, enquanto os demais governos celebram os preliminares que já existem entre nós, sobre a nomeação e incorporação dos seus representantes.

A respeito da época de instalação da Assembleia, atrevo-

me a pensar que nenhuma dificuldade se pode opôr á sua realização no termo de seis mezes, mesmo contando êste dia da data: e também me atrevo a supôr que o ardente desejo que anima a todos os americanos de exaltar o poder do mundo de Colombo, diminuirá as dificuldades e demoras que exijam os preparativos ministeriais, e a distância que medeia entre as capitais de cada Estado, e o ponto central da reunião.

Parece que se o mundo inteiro tivesse de escolher a sua capital, o Istmo de Panamá seria o indicado para este augusta destino, vendo por uma parte a Ásia, e por outro a África e a Europa. O Istmo de Panamá foi oferecido pelo governo de Colombia, para este fim, nos tratados existentes. O Istmo está a igual distancia das extremidades: e por esta causa poderia ser o lugar provisório da primeira assembleia dos confederados.

Aderindo, por minha parte, a estas considerações, sinto-me com uma grande propensão a mandar ao Panamá os deputados desta república, apenas tenha a honra de receber a anciada resposta a esta circular. Nada certamente poderá preencher tanto os ardentes votos do meu coração, como a conformidade que espero dos governos confederados a realizar este augusta acto da América.

Se V. E. não se digna aderir a ele, prevejo demoras e prejuizos imensos em ocasião que o movimento do mundo acelera tudo, podendo também acelerá-lo em nosso prejuizo.

Efectuadas as primeiras conferências entre os plenipotenciários, a residência da Assembleia, como as suas atribuições, podem determinar-se dum modo solene por pluralidade, e então teremos alcançado tudo.

No dia em que os nossos plenipotenciários façam a troca de credenciais, teremos fixado na história diplomática da América uma época imortal. Quando, depois de cem séculos, a posteridade buscar a origem do nosso direito público, e recordar os pactos que consolidaram o seu destino, registarão com respeito os protocolos do Istmo. Nele encontrarão o

plano das primeiras alianças que traçará a marcha das nossas relações com o universo. Que será então o Istmo de Corinto comparado com o de Panamá?

Deus guarde a V. E.

Vosso grande e bom amigo,

*Bolívar.*

O Ministro de Governo e Relações Exteriores,

*José Sánchez Carrión.*

O assunto que mais desperta a minha atenção hoje é a tranquilidade interior da América; sobre isto falei a V. largamente, e já V. vê que a matéria é fecunda, facil de compreender em muitos pontos remotos. Cada dia me convenço mais que é necessário dar á nossa existência uma base de garantias. Vejo a guerra civil e as desordens multiplicarem-se por toda a parte, dum país para outro, os meus deuses pátrios parecem devorados pelo fogo interior. Falo de Venezuela, o meu querido país. Esta consideração preocupa-me noite e dia; porque vejo que a primeira desordem que ali nasça destroi para sempre a própria esperança, porque ali o mal será radical e penetra logo no sangue; volto pois ao meu primeiro projecto como único remédio: *a federação*. Esta federação parece-me um templo de asilo contra as perseguições do crime. Por isso mesmo, estou determinado a mandar os deputados do Perú ao Istmo imediatamente saiba que Colombia quere mandar os seus para a união. Não duvido que o México e Guatemala farão o mesmo, e ainda Buenos Aires e Chile, depois; porque êste é o remédio universal. Eu insisto que V., meu caro general, se apresse a dar este imenso passo. Sómente esta expectativa me vai reter na América por algum tempo, até que se realize o congresso americano que, pelo menos, deve servir, por estes dez ou doze anos da nossa

primeira infancia, embora depois se dissolva para sempre, pois tenho ideia que nós poderemos viver durante séculos uma vez que possamos chegar á primeira dezena de anos da nossa infância. Além disso as relações que devemos contraír no primeiro tempo, não deixarão de servir-nos alguns anos depois. Os grandes soberanos da Europa tem-se visto obrigados a concorrer a estes congressos para estabelecer relações cordiais e familiares entre os seus respectivos estados; enquanto estiveram limitados á simples representações diplomática, a maldita divisão os trazia separados; assim que reuniram um congresso e com ele os seus interesses, estão invencíveis. Nós, que não somos nada e que começamos a existir, parece que não devemos vacilar um momento em seguir aquele exemplo. Emfim, eu espero que o governo da Colombia não deixará de dar o último passo que falta á sua glória.

.....

desejo ardenteamente que se realize o congresso ístmico. Indo-me eu, já não poderá ser, ou pelo menos, quem sabe como. O único objecto que me retém na América, e muito especialmente no Perú, é êste congresso. Se o consigo, bem, senão, perderei a esperança de continuar a ser útil ao meu país; porque estou muito persuadido que sem esta confederação não haverá nada.

(Da Carta a Santander, datada de Lima, a 6 de janeiro de 1825).

Eu creio que nós devemos imitar a Santa Aliança em tudo o que se refere á segurança política. A diferença não deve ser outra senão a dos principios de justiça. Na Europa tudo se faz pela tirania, aqui é pela liberdade; o que certamente nos torna enormemente superiores a tais aliados. Por exem-

plo: eles sustentam os tronos e os reis; nós, os povos e as repúblicas; eles querem a dependência, nós a independência.

.....

Eu repito que não servirei mais que até estabelecer, se puder, esse congresso federal, e depois retiro-me a viver, cansado de tantos cuidados.

(Da Carta a Santander, datada de Lima,  
a 23 de fevereiro de 1825).

Os artigos adicionais que V. propõe ao governo do Perú para a Assembleia Americana do Istmo, no seu despacho de 5 de novembro do ano passado, darão, sem dúvida, maior extensão, firmeza e estabilidade á Confederação. O convite feito por parte do governo da Colombia ao mui nobre e mui poderoso rei do Reino Unido da Gran Bretaña e Irlanda para que seja um dos confederados, se tal se conseguir, será por agora dum imenso valor para as novas repúblicas que, guiadas pelo seu exemplo e escudadas pelo patrocínio da sua amisade, poderão organisar-se mais facilmente e tomar a marcha firme que devem seguir.

A pena de exclusão da Confederação para aquele que não se conforme com as decisões da Assembleia, quando esta haja de actuar como árbitro entre dois dos seus membros, é tão justa como útil. Na proporção em que as vantagens dos confederados forem maiores, também maior será a pena daquele que não as disfrute.

A mediação necessária da Confederação nas desavenças que, por desgraça, ocorrerem entre um dos confederados e um estranho, embora sumamente vantajosa para a confederação, apresentará talvez dificultades com respeito aos não confederados. Este direito de mediação daria por conse-

quência um poder indirecto á Confederação de misturar-se nos negócios de nações estrangeiras.

A autoridade da Assembleia de estipular e concluir em nome da Confederação, por sí, ou por meio das pessoas em quem a delegar, tratados de aliança, puramente defensivos e dirigidos á conservação da paz, dá aos plenipotenciários respectivos da Confederação uma independência de seus mandatários para comprometê-los em seu nome em assuntos de alta importância, e que abraçam a toda a nação. Ainda que os plenipotenciários estão extensamente facultados para tratar e acordar sobre assuntos de grande transcendência, a celebração de tratados de aliança, embora puramente defensivos, seria para desejar que se fizesse com conhecimento prévio dos governos respectivos.

Ainda que presentemente não estou encarregado do poder executivo desta república, senão do conselho do governo, o meu ardente desejo da prosperidade da América sugeriu-me fazer estas observações sobre as adições que V. propõe para a Assembleia do Istmo, na qual vejo o complemento da estabilidade dêste continente.

(Da Comunicação a Santander ,datada de Lima, a 17 de fevereiro de 1826).

### *Um parecer sobre o Congresso de Panamá, 1826 \**

O Congresso de Panamá reunirá todos os representantes da América e um agente diplomático do Governo de S. M. B. Este Congresso parece destinado a mais vasta liga, ou a mais extraordinária e mais forte que tem aparecido até hoje

---

\* Publicado em Washington por Vicente Lecuna em 1916, como obsequio aos Delegados do Segundo Congresso Científico Pan-americano.

sobre a terra. A Santa Aliança será inferior em poder a esta confederação, sempre que a Gran Bretanha queira tomar parte nela, como membro constituinte. O género humano daria mil bençãos a esta liga de salvação e tanto a América como a Gran Bretanha recolheriam enormes benefícios. As relações das sociedades políticas receberiam um código de direito público como regra de conduta universal.

1º.—O novo mundo constituir-se-ia em nações independentes, ligadas todas por uma lei comum que fixe as suas relações externas e lhes ofereça o poder conservador dum congresso geral e permanente.

2º.—A existência destes novos Estados obteria novas garantias.

3º.—A Espanha faria a paz por consideração com a Inglaterra e a Santa Aliança daria o seu reconhecimento a estas nações nascentes.

4º.—A ordem interna conservar-se-ia intacta entre os diferentes Estados, e dentro de cada um deles.

5º.—Nenhum seria fraco com respeito aos outros, nenhum seria mais forte.

6º.—Estabelecer-se-ia um equilíbrio perfeito neste estado de coisas verdadeiramente novo.

7º.—A força de todos correria em auxílio do que sofresse da parte do inimigo externo ou de facções anárquicas.

8º.—A diferença de origem e de côres perderia a sua influência e valor.

9º.—A América não temeria mais a esse monstro que tem devorado a ilha de San Domigos, nem tampouco temeria a preponderância numérica dos primitivos habitadores.

10º.—A reforma social, enfim, se haveria alcançado sob os auspícios santos da liberdade e da paz, mas a Inglaterra deveria tomar necessariamente em suas mãos o fiel desta balança.

A Gran Bretanha alcançaria, sem dúvidas, consideráveis vantagens com êste arranjo.

1º.—A sua influência na Europa aumentaria progressivamente e as suas decisões viriam a ser as decisivas.

2º.—A América servir-lhe-ia de opulento domínio comercial.

3º.—A América seria para ela o centro das suas relações entre a Ásia e a Europa.

4º.—Os ingleses considerar-se-iam como iguais aos cidadãos da América.

5º.—As relações mútuas entre os dois países lograriam com o tempo tornar-se uma realidade.

6º.—Os americanos tomariam o carácter e os costumes britânicos como objectivos normais da sua existência futura.

7º.—Na marcha dos séculos poderia encontrarse uma única nação sobrevivendo no universo — a federal.

Estas ideias ocupam o ánimo de alguns americanos de posição mais elevada, eles esperam com impaciência a iniciativa dêste projecto no Congresso de Panamá, que pode ser ocasião de consagrar a união dos novos estados com o Império Britânico.

	Pág.
Prólogo do Dr. Cristobal L. Mendoza .....	VII
Textos .....	1
I. A Fraternidade Americana .....	5
II. Interdependência das Nações da América.....	17
III. A América e a Guerra .....	21
IV. A América perante o Mundo .....	31
V. A União Política Americana .....	41